
In memoriam



Armindo de Sousa

Pela terceira vez consecutiva, vemo-nos obrigado a abrir esta revista com a sentida evocação de mais um colega amigo, precocemente falecido. Neste caso, trata-se do Prof. Doutor Armindo de Sousa, arrebatado ao nosso convívio, quando, após alguns meses de preocupações, se propunha retomar o serviço docente.

A sua morte, além da consternação provocada em quantos com ele convivíamos e nos alunos que o admiravam e estimavam, atingiu também - podemos dizê-lo - a globalidade dos membros da Faculdade, muitos dos quais, marcados, ao longo dos anos, pela imagem da sua personalidade.

Foi, precisamente, a forma superior como, no estrito cumprimento da Lei e no respeito pelos valores da liberdade humana, exerceu, durante vários mandatos, as funções de Presidente da Assembleia de Representantes - órgão máximo da gestão da Faculdade - que lhe granjeou a consideração de todos, inclusive dos que pensavam de modo diferente.

O ambiente de estabilidade que assegurou neste importante Órgão de Gestão constituiu um relevante serviço prestado à Faculdade, que nos apraz registar.

Não é pelos aspectos administrativos que alguém se afirma como professor, embora pareça que alguns, já no topo da carreira universitária, descobrem aí a sua verdadeira vocação "científica"... Armindo de Sousa aceitou, apenas, os mandatos que, por via eleitoral, repetidas vezes lhe foram confiados, atentas as suas competência e isenção, demonstradas também neste sector, sobejamente reconhecidas, desde o tempo de estudante.

Mas, o que verdadeiramente lhe agradava era leccionar e investigar.

A alta qualidade da sua docência, então comprovada pela afluência dos alunos às aulas, é constantemente recordada pelos frequentes e inesperados testemunhos elogiosos, que continuamos a ouvir. E nós, que acompanhámos a sua carreira académica, desde o remoto ano lectivo de 1969-1970, sabemos bem quanto a sua preparação teológica, filosófica, linguística e antropológica lhe permitiam adiantar-se pelos caminhos da interdisciplinaridade, nos

domínios da História das Mentalidades, História da Cultura Medieval e Crítica textual, a que tão ligado esteve.

A sua obra científica, relativamente vasta em função do tempo que lhe foi dado viver, além das obras maiores, designação em que incluímos As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1495) – dissertação de doutoramento, em dois volumes - que ocupam o primeiro lugar, e as extensas colaborações no vol. II da História de Portugal, dirigida por José Mattoso, e na História do Porto, dirigida por Luís A. de Oliveira Ramos, é constituída por um significativo número artigos, que definem, com rigor, as áreas privilegiadas pela sua investigação. A mais notória é, sem dúvida, o estudo das Cortes, na sua estreita relação com os numerosos problemas apresentados pelos municípios. Por este mesmo motivo, o municipalismo constituiu também uma das suas preocupações, quer visto, no caso do Porto, através das relações com o respectivo bispo, analisadas no extenso estudo Conflitos entre o Bispo do Porto e a Câmara do Porto nos meados do século XV, quer a propósito de tantos outros municípios, observados nas suas posições individuais e colectivas, face ao poder real, em Cortes, aspectos apreciados, respectivamente, nos estudos sobre As Cortes de Leiria-Santarém de 1433, As Cortes de Évora de 1435 (1984), e nos que visaram O Parlamento na época de D. João II (1989) e As Cortes Medievais Portuguesas. Panorama bibliográfico (1989).

À análise dos parlamentos dedicou também os trabalhos A estratégia política dos municípios no reinado de D. João II (1989) e O parlamento medieval português - Perspectivas novas (1990), situando-se no âmbito da História das mentalidades os estudos A morte de D. João I (Um tema de propaganda política), e O Discurso político dos concelhos nas cortes de 1385 (1985).

Identificados os principais centros de interesse que polarizavam a investigação do Professor Armindo de Sousa, dispensamo-nos de citar a totalidade da sua produção científica, mas não podemos omitir a menção do estudo Portugal, que constitui o capítulo 24 da Cambridge Medieval History (1998), um dos últimos, se não mesmo o último, que viu publicados.

Face à obra de Armindo de Sousa, aqui parcialmente apresentada, podemos afirmar que era a maior autoridade em Cortes portuguesas, e que os seus estudos continuarão a ser, durante muito tempo, de referência obrigatória para quem abordar este tema.

Nesta linha de pensamento, cumpre-nos dizer que o reconhecimento do valor da sua obra histórica, na vizinha Espanha, transbor-

dou do âmbito estrito dos historiadores para as Faculdades de Direito, tendo sido com emocionada satisfação que, em 12 de Julho de 1999, assistimos a uma sessão do IV Curso de Verão da Universidade de Oviedo, realizado em Gijón, integralmente preenchida por uma mesa-redonda, subordinada ao título programático Reflexiones históricas hispano-portuguesas, in memoriam Dr. Armindo de Sousa. Nessa sessão académica, quatro professores das Faculdades de Direito da Universidade Complutense de Madrid e da Universidade Nacional de Ensino à Distância (UNED) tomaram como temas das suas intervenções aspectos da obra deste nosso saudoso colega, que valorizaram, mesmo naqueles pontos em que podia haver outros ângulos de interpretação.

Durante o debate, pudemos contribuir para um melhor enquadramento histórico da obra deste nosso colega e agradecer a homenagem que ali acabava de lhe ser prestada, tendo o representante da Academia Portuguesa da História, que presidia à delegação portuguesa, reiterado, formalmente, os agradecimentos.

Se com estas notas pretendemos homenagear este nosso colega e amigo, que continua vivo no espírito de todos, salientando alguns traços da sua personalidade e da obra científica que nos legou, aprez-nos afirmar que elas nos ajudam a compreendermos melhor a grave perda que a sua morte representou para a Faculdade e indiciam também a dificuldade da sua cabal substituição.

Salientámos, essencialmente, aspectos inerentes à sua vida universitária, mas não ignoramos, nem esquecemos muitas outras facetas da sua vida, merecendo referência especial a solicitude para com a família, que, embora sentindo-lhe a falta, tem motivos abundantes para nele se rever.

José Marques

